

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Alice Gonçalves

registada em 2008-09-08
por

Filipa Rodrigues, Susana Pires e Jenny Campos

Alice Gonçalves

Alice Gonçalves, nasceu nos Pardieiros, a 8 de Fevereiro de 1931. O pai era Alfredo Joaquim e a mãe Albertina Gonçalves. “Tiveram cinco filhos, quatro raparigas e um rapaz.” A sua infância foi boa, “sempre amiga dos rapazes e das raparigas”, dançava e cantava. Recorda os jogos das escondidas, do fito, jogados ao domingo, porque durante a semana andavam nas fazendas. Foi para a escola, com 7 anos, na Senhora da Saúde, mas a mãe tirou-a com 10 anos, porque era pobre e andou a acartar pedra para as obras. Aos 22 anos foi para Lisboa, para a Praça da Ribeira acartar fruta, durante 30 e tal anos. Depois vendeu fruta e fez limpeza num supermercado, onde ainda hoje gostava de estar. Já conhecia o marido dos Pardieiros, mas foi quando ele estava em Lisboa, que começou a escrever-lhe. O casamento foi nos Pardieiros, com “um vestido branquinho”, mas apenas durou dois anos, o marido deixou-a viúva aos 24 anos. Com a vida feita e a família em Lisboa, Alice não regressou para a aldeia.

Índice

Identificação Só Alice.....	4
Ascendência A terceira de cinco.....	4
Casa "Aquela terra bonita".....	6
Infância Domingo era dia de brincar.....	6
Educação "Eu era capaz".....	6
Namoro Namoro por carta.....	7
Casamento "À moda de cá".....	7
Percurso profissional Sempre trabalho duro.....	7
Costumes As festas, a gastronomia e os ofícios de outros tempos	8
Lugar Não há melhor do que Pardieiros.....	16
Lazer Croché, falar com as amigas e lavar roupa.....	17
Sonhos Uma casinha e uma piscina.....	18
Avaliação Ouvir histórias.....	18

Identificação *Só Alice*

O meu nome é Alice Gonçalves, só. Sou de Pardieiros, nasci a 8 de Fevereiro de 1931. Tenho 77 anos.

Ascendência *A terceira de cinco*

O meu pai era Alfredo Joaquim e a minha mãe Albertina Gonçalves. A minha mãe era de Pardieiros e o meu pai do Enxudro. Tiveram cinco filhos, quatro raparigas e um rapaz. A mais velha é a Alzira Gonçalves, a seguir era a Silvéria Gonçalves, e a seguir era a Helena Gonçalves. O mais novo, que é o rapaz, é Carlos Joaquim Gonçalves Reis. Eu sou a terceira.



Pais e irmãs de Alice (ao colo da mãe)

Sempre todos amigos

Éramos amigos uns dos outros e continuámos a ser. Eu era quase próxima do meu irmão. Nunca guerreámos, nunca nada. O meu pai era muito bom e a minha mãe era uma jóia. O meu pai só, às vezes, bebia um copito mas nunca fez mal nem aos filhos nem à minha mãe. Nunca. Nunca fez mal. Foi sempre amigo dos filhos e da mulher. Nunca me ralhava. A minha mãe é que, às vezes, quando eu guerreava com o meu irmão ou com a minha irmã, agarrava na colher de pau para me bater, acenava com a cabeça, pronto. Passava aquela hora e acabava. Nunca me lembro do meu pai bater, nem a minha mãe. Às vezes, ralhavam um bocadinho mas bater não me lembro. Em minha casa mandavam os dois, mas mais a minha mãe que fazia o comer e o meu pai estava mais nas fazendas.

Homens em Lisboa, as mulheres na terra

Os meus pais trabalhavam só nas fazendas. Cultivavam milho, batata, feijão. Eram estas coisas assim. Púnhamos couves, alfaces, tomates, pepinos. Eu também ajudava. Depois o meu pai foi para Lisboa vender fruta. Talvez eu tivesse uns 12 a 15 anos. Não tenho a certeza. Aqui a gente não se governava e o meu pai foi ver se ganhava algum dinheiro. Já tinha, em Lisboa, duas irmãs. Noutros tempos, os homens iam para Lisboa e ficavam cá as mulheres. Andavam lá um ano e dois sem cá virem à terra. Os meus pais comunicavam por carta. Vinha cá o carteiro. Depois o meu pai veio para a aldeia e quando fomos nós para Lisboa, a gente é que mandava coisas para o meu pai e para a minha mãe. E assim se foi vivendo. A minha mãe foi a Lisboa só uma vez. Foi de visita. Quando o meu irmão casou, teve a filha e ela foi ao baptizado da neta. Aos 72 anos a minha mãe faleceu e o meu pai ainda ficou. Depois o meu pai foi para Lisboa para o pé dos filhos. Morreu com 83 anos.

Dava nomes às ovelhas

A gente, às vezes, às sete horas já andávamos na fazenda, e vínhamos para casa aí às sete, sete e meia, já era de noite, até diziam que era a lua. Era assim que a gente vinha das fazendas. Muitas vezes, a minha mãe levava o almoço para as fazendas. E a gente depois comia por lá. Não tínhamos tempo para vir a casa, para tratar dos animais e das coisas todas. Tínhamos ovelhas, cabras, galinhas e porcos. Tínhamos tudo. Os animais todos. Ai, eu gostava mais das ovelhas e das cabras que era para tirar o leite. Tirávamos leite aí umas duas vezes ao dia. Depois fazíamos o queijinho. A minha mãe fazia dois queijinhos por dia.

Tínhamos muitos animais. Eu gostava de ir para o pasto. Distinguia as ovelhas, punha-lhes nomes e depois chamava e elas vinham. Quando ia pôr as ovelhas a pastar só ia eu ou as minhas irmãs, ou o meu pai e a minha mãe. Mas os vizinhos também iam. Se a gente andava nas fazendas a semear o milho iam os vizinhos, depois a gente ia ajudá-los. Era assim. Depois também andava o dia fora, porque andava para esta senhora ou para aquela. Era assim.

Casa "*Aquela terra bonita*"

A minha casa de infância, é onde chamam o Outeiro. Tinha então, no andar de baixo três quartinhos e tinha uma salinha. Depois, subia-se umas escadinhas, e sobe-se que ainda lá está. Tem uma cozinha, uma sala, duas salinhas e um quarto. Era na cozinha que a gente se juntava. Tínhamos uma lareira. Botávamos lenha e depois estávamos todos em volta. Os mais velhos contavam histórias, às vezes, cantavam. E ensinavam as crianças a cantar. Até aos 22 anos nunca vi televisões. Rádios é que havia aí muitos. Depois, na loja ficavam os porcos e os outros animais era só nas fazendas. Eu gostava de ir à janela ver aquilo lá para baixo. Aquela terra bonita. Vê-se o Pai da Donas, Côja. Vê-se aquilo tudo. E foi aí que a gente nasceu, viveu e foi criada todos os cinco.

Infância *Domingo era dia de brincar*

A minha infância foi boa. Fui sempre amiga dos rapazes e das raparigas. Dançava, cantava, ainda hoje tenho esta idade e danço e canto à mesma. Havia muitas crianças na aldeia. No meu tempo éramos umas poucas da minha idade. Éramos mais amigos. Agora não são tão amigos uns dos outros. Jogávamos às escondidas. Jogávamos o fito, que é a malha que agora chamam. Ao domingo é que a gente brincava. Durante a semana andávamos nas fazendas e nesse dia ninguém trabalhava. Iam à missa e depois andavam na brincadeira.

Educação "*Eu era capaz*"

Eu fui para a escola, com 7 anos. Era na Senhora da Saúde. Ao pé da capelinha, aí é que era a escola. Depois, a minha mãe tirou-me com 10 anos, porque era pobre. Depois andava aí a acartar pedra para as obras. Se a minha mãe não me tira da escola, eu era capaz. Nessa altura, até ensinava os problemas e as contas de dividir a uma senhora que hoje é professora. Eu gostava da escola. Cantávamos e dançávamos. A professora também era boa. Tínhamos cadernos

com duas linhas, três linhas. Era o que a gente tinha. O das contas nem linhas tinha.

Namoro *Namoro por carta*

O meu marido era de Pardieiros também, portanto, já o conhecia. Mas depois ele estava em Lisboa, trabalhava numa leitaria, ao pé do Socorro. Eu estava aqui e ele escrevia-me. Eu gostava de receber as cartas porque eu gostava dele, senão não casava. Mas depois a gente não era como agora, uns ao pé dos outros, era diferente. Só nas vésperas de quando casou, é que veio. Não foi namorico nenhum. Noutros tempos a gente era mais envergonhada. Agora é tudo mais descarado.

Casamento "*À moda de cá*"

Casámos em Pardieiros. Foi o meu pai e a minha mãe que pagaram, nessa altura. A gente não sabe quanto. Eu levava um vestido branquinho. Foram as minhas irmãs que o trouxeram de Lisboa. Foi um casamento bom, como agora. O que é que foi em casa. Não foi nos restaurantes como agora é. É diferente. Tinha aí talvez 70 e tal convidados. Foi um casamento à moda de Pardieiros. Tínhamos arroz-doce, tapioca, coscoréis, bolos e chanfana. Foi aquilo assim. Depois do casamento fui logo para Lisboa. Fui viver para a Travessa da Pereira, para a Graça. Era uma casa pequenina, mas remediava. Depois o meu marido faleceu. Tinha 28 anos e eu tinha 24. Só estive casada dois anos. Era doente do coração, dizia o médico noutra altura. Agora pode ser outra doença. Isto agora está mais desenvolvido. Mas depois já não voltei para a aldeia. Tinha a minha vida em Lisboa. Tinha lá família. Só cá tinha o pai e a mãe. Mas depois a minha mãe faleceu. O meu pai foi com a gente. Farta disto estava eu, de andar aí ao mato e à lenha.

Percurso profissional *Sempre trabalho duro*

A acartar pedra

Eu tinha 10 anos quando fui para uma obra acartar pedra à cabeça. Ganhava 4 escudos, 5 escudos. Trabalho duro. O dinheiro dava ao pai e à mãe. Que

remédio tinha. Era para comprar o pãozinho, o açúcar, o arroz, a massa, porque batatinhas e feijão a gente disso tinha tudo. Mas era para comprar essas coisas. E alguma coisa para a gente vestir. Era o que era. Também roçava mato para os animais. Depois íamos colher o milho, os feijões. Trazíamos isso tudo à cabeça.

A acartar fruta

Aos 22 anos fui para Lisboa, para a Praça da Ribeira acartar fruta. Era um trabalho duro, mas duro. Um à cabeça, outro de braçado. Depois é que compraram aqueles carrinhos de mão, a gente punha ali as caixas em cima e puxava. A praça era grande. Com muitas pessoas a trabalhar. Estava a praça cheia, não sei dizer quantas eram. A gente tinha pessoas e elas davam, por exemplo, o serviço à gente. E íamos fazer o serviço a essa pessoa. Eu gostava de trabalhar. Ainda hoje tenho pena, porque a gente fazia aquilo numa brincadeira. E então éramos todos amigos, mesmo os senhores que davam trabalho à gente. Ainda hoje sou amiga das pessoas. Tinha um senhor a quem fazia os fretes, foi onde eu fui empregada no Largo da Graça, no supermercado. Ainda há dias ele esteve em minha casa. O convívio era bom. Às vezes, ralhávamos uns com outros mas dali a bocado já estava tudo bem. Eu já tinha em Lisboa três irmãs. E todas as três na mesma rua, na Travessa da Pereira. Mas ainda custou um bocadinho a adaptar-me. Mas depois a gente habitua-se, como tinha as irmãs e os cunhados, já foi melhor. Mas mesmo assim foi difícil. Trabalhei 30 e tal anos. Depois aquilo fechou, foi para mais longe e a gente já não foi. Depois empreguei-me naquele senhor no Largo da Graça. Estive lá três anos, a vender fruta e a fazer a limpeza da loja, num supermercado. Ainda hoje gostava de lá estar. E o patrão bem gostava de mim mas a gente também chega a uma certa idade e também tem de descansar.

Costumes As festas, a gastronomia e os ofícios de outros tempos

Passarinhos de papel de seda

Os padroeiros de Pardieiros são o São Nicolau e a Senhora da Saúde. As festas são no último sábado de Agosto. Iam os andores. Temos oito santos, são oito andores. Primeiro botávamos flores de plástico. Mas agora as mulheres juntaram-se todas e compramos as flores naturais. E os santos vão todos naturais. As pessoas cá da aldeia é que fazem isso. Os homens enfeitam as ruas, põem a iluminação e é assim. Noutros tempos não, os enfeites eram um fio comprido,

depois as mulheres com papel faziam passarinhos. Depois enfeitavam-se aí as ruas todas. Agora foi um senhor que fez mesmo umas bandeirinhas, que dão para os anos todos. Todos os anos é a mesma coisa. Antigamente, era com papel de seda. Eu segurava o fio e depois elas davam aqui um laço de papel, depois ali outro, era assim. Enfeitavam-se as ruas todas. Agora também enfeitam mas é diferente. Agora tem iluminação e nessa altura era um candeeiro de carbureto. Depois punham os balões também a subir. Agora isso já não fazem, os balões já não. Noutros tempos faziam. Há a missa. Vem a Filarmónica também. Estava a música todo o dia a tocar. Agora é que não, vêm os conjuntos. Mas gasta-se dinheiro e a mocidade não dança. Até é mal empregado o dinheiro dos conjuntos. Só dançam os velhos. A mocidade nova não.

Para o baile punha a melhor roupa

Eu ia ao baile mas só o de cá da terra. Fora da terra a minha mãe não me deixava ir. Uma vez fizéramos aí um rancho, depois fazíamos umas saias de papel. Nessa altura, só havia em Pardieiros um rapaz solteiro que era da minha idade. O mais eram só homens casados. Depois arranjàramos e fôramos para o Sardal, para o Enxudro, dançar com os homens casados. Foi um rancho que a gente fez, mas foi giro, foi bom. Pelo Carnaval é que se faziam uns bons bailes. Também vinham rapazes de fora, dançar. Nessa altura punha a minha melhor roupa. Tinha de ser. Uma saia, uma blusa, um vestido. Daqueles vestidos de chita que se usava naquele tempo. Agora não. Agora usa-se dois, três fatos por dia. Naquela altura não. Dançava descalça e gostava. Era cada pisadela que os homens me davam. Os meus pais eram pobres, depois tinham cinco filhos, já se sabe. Quem diz a minha mãe, diz os outros, que havia com sete e oito filhos. Também seria a mesma coisa, não sei. Lá na casa deles não sei o que se passava. Mas seria a mesma coisa.

Brincavam os rapazes, ralhavam os velhos

No Santo António, os rapazes agarravam nos vasos, que estavam às portas das casas com as flores, e iam pôr a uma fonte, que agora chamam a Fonte Velha. Nesse tempo só cá havia essa fonte. E depois iam aos currais, ordenhavam o gado e roubavam o leite. Era o que os rapazes faziam nesse tempo. Era na paródia, era tradicional. Os mais velhos no outro dia ralhavam.

- "Quero aqui o meu vaso de flores!"

Às vezes alguns iam buscar, outros não. Tinha a pessoa mesmo de ir buscar as flores onde estavam. E depois saltavam as fogueiras. Íamos buscar

o rosmaninho. Assim molhos de rosmaninho, botávamos à fogueira e depois saltávamos. As raparigas, os rapazes, tudo saltava à fogueira acesa.

"Sabia que era Natal mas presentes não tinha"

No Natal fazia-se uma fogueira, como se usa. Até chamavam o sítio a Praça. Agora fazem ao pé da capela. Com aqueles cepos grandes que os homens vão buscar. Depois assavam chouriço, batatas a murro, assavam aquilo tudo e depois faziam uma patuscada. E era assim que se fazia noutros tempos. Agora também se faz mas é pouco. Em casa, era carne de porco, chispe, aquelas farinheiras boas, aquele chouriço de carne, era assim. E as couves com bacalhau, como agora se usa também. Nesse tempo também já se usava. Havia muita azáfama com os preparativos mas não era tanto como é agora. Nesse tempo havia menos dinheiro. Fazia-se menos. A gente sabia que era Natal mas presentes não tínhamos. Nem tínhamos árvores de Natal, nesse tempo não se usava. Não havia dinheiro. Se houvesse dinheiro podia-se fazer como agora mas não havia. A alegria do Natal era estar ao pé do pai, da mãe e dos irmãos. Nesse tempo, só ao pé do pai e da mãe.

"Era bom, mas bom"

Os pratos típicos daqui são o arroz-doce, a tigelada, os coscoréis e fazem, às vezes, tapioca, que é como o arroz-doce. O que é que a tapioca deixa-se de um dia para o outro na água. Só com um bocadinho de água. Depois é feita com leite, como o arroz-doce. A tigelada é ovos, açúcar e umas pedrinhas de sal e leite. Fazem chanfana, uns chamam chanfana quando já é rija mas a gente agora usa mais cabrito. Aqui na terra, nas outras terras não sei. Era na lenha que se faziam estas coisas. Agora ainda se faz a lenha, que a gente tem um fogão dos antigos e é aí que a gente faz tudo. É mais jeitoso que no fogão de gás. A gente, noutros tempos, ia para os fornos com as lenhas, íamos aquecer o forno e depois é que fazíamos tudo. E quando era noutros tempos, os casamentos era tudo assim nos fornos. Faz-se assim pela festa, quando é pelo Natal ou pela Passagem do Ano. Mas muita gente até faz durante o ano estas coisas que querem comer. A minha mãe fazia muitas vezes arroz-doce para a gente comer e a tigelada. Também faziam sopas de leite. A sopa de leite é pão. É como fazer a açorda, o que é que leva o leite. Era bom, mas bom. Era pelo Entrudo, pelo Carnaval. Diz que era as sopas de leite do Carnaval. Ainda hoje fazemos. É sempre o doce de Carnaval. No Natal são os sonhos. Outros fazem filhoses de batata, outros fazem filhoses de abóbora. É conforme as pessoas queiram. Havia também castanhas. Havia

tudo. Noutros tempos havia muita castanha, havia muita uva. Agora não há nada. Vai-se perdendo tudo e as pessoas vão morrendo e vai tudo atrás dos donos.

Aguardente e azeite, havia entreajuda

Fazíamos aguardente. Era no fim de Setembro quando se apanha as uvas, fazia-se a aguardente. Era cada um na sua casa e conforme o que tinham de uvas. Se tinham muitas uvas pediam a esta e àquela para ajudar. Se tinham poucas fazia cada qual o seu. Fazíamos azeite, muito até. Era no tempo do meu pai e da minha mãe. Tínhamos bastante azeite. Nesse tempo, o meu pai tinha um carrinho de bois, quando era para acartar a azeitona. Depois ia buscar a minha azeitona e a dos outros e ia para o lagar para moer. Depois trazia o azeite e levava às pessoas. Mas depois a minha mãe morreu e o meu pai também. A gente está para Lisboa, e vai-se perdendo tudo. É como a gente, um dia perde-se.

Na matança do porco juntavam-se os vizinhos

Nas matanças juntavam-se as pessoas nas casas uns dos outros para matar o porco, depois encher o enchido. Era assim que faziam. Era mais pela altura do Natal. Os homens matavam os porcos, depois lavavam-nos e chamuscavam. Os homens faziam isso e as mulheres faziam outra coisa. As mulheres é que lavavam as tripas e enchiam os enchidos. Era assim, diferente. A carne era salgada, depois botava-se numa tina, punham-lhe sal. Depois estava ali a colher o sal. Faziam o chouriço, penduravam. Era num pau, e a fogueira em baixo a arder e a chouriça a secar.

Do milho ao pão

Quando era a malhar o milho, os homens malhavam e as mulheres a "descasular"¹ o milho. Às vezes, numa casa destas éramos aí 20 ou 30 pessoas. Tanto homens como mulheres a "descasulavam"² o milho. Cantávamos, dançávamos. Depois mandávamos espigas a uma, espigas à outra. E era assim que a gente fazia. Quando andavam nas fazendas os homens cavavam e a gente tupia. É diferente. As mulheres é diferente dos homens. A secar o milho levava dia e meio, às vezes dois dias é que andava ao sol, para ir bem sequinho. Depois ia para uma arca. Quando a gente queria, ia buscar o milho à arca, levava ao

¹debulhavam

²debulhavam

moinho, fazia a farinha, para depois fazer o pãozinho. Havia muitos moinhos na aldeia. Agora já está tudo estragado. Ali na Fraga da Pena havia três. Havia aqui em baixo uma fazenda que a gente tinha que era a Boldorida que tinha dois. Havia uma fazenda, ali à face da Avilheira que tinha outros dois. E havia uma fazenda que era o Canavial que também tinha um. Que eu me lembre. Os moinhos eram de particulares, o que era é que, por exemplo, eu tinha um mas deixava moer as pessoas. A gente fazia a farinha, depois peneirava-se com uma peneira. Depois amassava-se, depois levedava. Depois ia para o forno cozer. Os fornos eram comunitários. Ainda havia aí uns sete. Aquilo era a qualquer hora. Por exemplo, o forno era meu. Alguém queria ir:

- "Olhe amanhã deixa-me cozer a broa?"

- Deixo.

Pronto, a pessoa podia ir cozer de manhã, à tarde. Era o que queria. Se fosse mais do que uma pessoa a cozer então a minha broa, por exemplo, ia sem nada e o da outra pessoa levava um buraco. Já se sabia que esse era dela. Se eram três pessoas o outro apertava, parecia um nariz. Assim conheciam. A broa era de milho com centeio. Ou, às vezes, fazia-se só de milho ou só de centeio. Era conforme queriam, e conforme o que havia. A melhor para mim é a de mistura, de milho com centeio.

Iam à fonte se queriam ver os rapazes

Em Pardieiros também tínhamos os lavadouros públicos. Era na fonte, e tínhamos no Outeiro. Os lavadouros onde a gente ia lavar a roupa. Ia eu, ia aquela, lavávamos todos nesse tempo. As raparigas combinavam ir buscar a água para ir ter com os namorados. A gente ia à fonte e os namorados sabiam e depois íamos lá, conversávamos uns com os outros, com os namorados, com os rapazes. E depois a gente ia buscar as bilhas da água para casa. Agora já há tudo. Mas naquele tempo não havia. Só havia aquela fonte para a povoação buscar a água. E normalmente eram as raparigas, as mulheres que a iam buscar. Se queríamos ver os rapazinhos, íamos nós.

De terra em terra era tudo a pé

O correio era feito por um senhor que era da Benfeita e outro de Côja. Vinham a pé, depois vinham numa bicicleta e depois já havia aquelas motas. Agora já vêm com carros, é diferente. Na altura, o carteiro tinha farda e uma mala de cartão. Era bem bonito. Antigamente, era tudo a pé. Andávamos de umas terras para as outras. Às vezes, quando ainda faziam as colheres de pau, íamos a

uma terra que se chama Esculca. E íamos para lá a pé com as sacas das colheres à cabeça. Duas ou três horas. Então eu fui muita vez a Côja, a pé, levar o milho. Quando havia secas não havia aqui água nas ribeiras. Depois íamos a Côja, ao rio, íamos levar o milho. Ficávamos de um dia para o outro, no moinho, depois trazíamos a farinha ao outro dia. Mesmo nas festas das outras aldeias, era comum as pessoas daqui irem de Pardieiros às terras vizinhas.

"Era dias e dias a chover"

Antigamente chovia muito. Agora não. Agora nem há Inverno, nem Verão, nem Primavera. Agora não há nada. Mas nesse tempo o Inverno era mesmo chuvoso. Era dias e dias a chover. Nesses dias andávamos com um capucho na cabeça ou uma saca. Era assim. Agora já se usa capas, casaco comprido, mas nesse tempo não. Nesse tempo, era uma capucha na cabeça e uma saca. Os homens a saca e as mulheres a capucha. Havia as tamancas de brocho. Uns tamancos altos. Tínhamos de ir tratar dos animais e depois vínhamos todas molhadas. Depois despíamos, púnhamos na fogueira os fatos a enxugar. Quando a minha mãe matava os porcos, tinha os enchidos no caniço a secar. E depois fazia massa também para a bexiga do porco, e depois a minha mãe dizia assim:

- "Oh filhinhas, olha, não batam ali que isso azeda".

Eu, mais a minha irmã e o meu irmão, agarrámos numa colher de pau e começámos a bater naquilo. Era assim.

O médico, o barbeiro e a parteira

Havia uns médicos em Pardieiros. Havia o doutor Fausto Dias. Agora, o doutor morreu ficou o outro, o doutor Fausto José, que era sobrinho dele. Eram muito bons. Mas eles trabalhavam em Coimbra. Assim como o sobrinho. Mas se a gente estivesse doente e o chamasse, ele vinha. Mas a especialidade deles é garganta, ouvidos e nariz. Era do tio e agora é do sobrinho. De resto não havia médicos. Havia um senhor que se ajeitava, chamavam o senhor Zé Augusto, o barbeiro. Iam chamá-lo e ele vinha cá. Ou então iam à Benfeita, que esse senhor era de lá. E depois ele ia aos Pardieiros, ia à freguesia toda, aqui a muitas terras. Ao Enxudro, ao Sardal, a Monte Frio, a Dreia, a Deflores, ao Pai das Donas, às Luadas. Ele ia a essas terras todas. Não havia cá médico. Era só ele. Ele é que era o médico das pessoas. É que vinha ao meu pai. Dava medicação. Mas também havia remédios caseiros. Papas de linhaça, que botavam no peito. Chamavam papas de linhaça. Botavam num pano, depois botavam outro pano por cima e botavam aquilo às pessoas, no peito. Aquilo resultava, às vezes. Outras vezes

não. Era conforme. Se a gente se aleijava, ele cosia a gente. Ou um dedo ou uma perna, como fez ao meu irmão.

A parteira cá da terra era a minha avó. A mãe da minha mãe era Maria da Nazaré Gonçalves. Essa era então a parteira de cá da povoação. E foi minha e dos meus irmãos. Nascemos em casa. Fiava linho e era a parteira aqui da aldeia. Ela era uma jóia para tudo. Chamavam-na para os partos:

- "Ó tia Nazaré venha cá acudir à gente!"



Maria da Nazaré Gonçalves, avó de Alice, a fiar linho

Só uma vez é que foi preciso vir um doutor de Coimbra, o doutor Vasco Campos. O menino foi tirado a ferros. O mais era sempre a minha avó, é que era a parteira. Ela morreu com 97 anos. Eu não sei como é que aprendeu. A minha bisavó não era parteira. Não é por ser minha avó, mas era uma jóia para as pessoas todas. Andavam uns rapazes do Sardal e do Enxudro na escola. Vinham todos a pé, que ainda é longe, e chegavam todos molhadinhos. A minha avó ia chamá-los e enxugava-lhes as coisas todas à fogueira. Eles traziam aquelas capuchas,

as sacas, e a minha avó enxugava tudo. E, às vezes, dava-lhes de comer. Ainda hoje há pessoas que falam na minha avó. Esteve há um tempo, na aldeia, uma rapariga que falou nela. O meu irmão é da idade dela e andavam na escola e ele trazia-a, que ela estava toda molhada e trazia-a para ela comer em casa da minha avó e da minha mãe.

Os ofícios: das colheres aos tamancos passando pelas cestas e o tear

As colheres quem faz agora é o Mário Santos, o António Garcia e o Jorge Costa. São esses é que fazem. Antigamente, iam vender às feiras e levavam para Lisboa, para vender. Noutros tempos havia muitos. Agora só são esses três. Também havia costureiras. Alfaiate só na Benfeita é que havia um. Costureiras havia aí muitas. Uma Palmira, outra Aurora, eram aí costureiras. Elas às vezes ensinavam aquelas que tinham vagar de ir para lá. Agora aquelas que não tinham vagar não iam. Fazia-se bordados, em ponto cruz. A minha irmã mais velha é que fazia muito. Eu não, nunca fiz. Fiz renda, sempre renda, até hoje. Mas eram para casa e para dar. Os tamancos era um senhor que fazia, o Alfredo Gonçalves. Os cestos era o Marcelino, que já morreu. Fazia os cestos e as cestas. E também faziam gamelas para amassar o pão. Esse senhor é que fazia isso. Tecelagem era a sogra da minha irmã mais velha. Essa é que tinha um tear. Nos tamancos é que havia mais trabalho e nos cestos. Agora no tear havia pouco. Faziam aquelas mantas de trapos. Os tamancos era o que a gente usava. Os homens tamancos e as mulheres tamancas, com as brochas por baixo. Era o que a gente usava e ele tinha muito trabalho. Não havia sapatos. Eu tenho uma fotografia, ainda o meu irmão não era nascido, e as minhas irmãs têm umas chinelas. E eu estou descalça ao colo da minha mãe. Não havia dinheiro. Tinha aí talvez uns 3 aninhos.

Braços branquinhos e pernas tapadas

Havia aqui coisas na aldeia que não eram bem aceites, como uma mulher fumar e andar sem mangas. Quando eu era nova a gente andava nas fazendas. Claro, o sol queimava. E a minha avó dizia:

- "Ó, filhinha, não uses a manga curta. Usa a manga comprida para quando vierem os de Lisboa teres os braços branquinhos."

Era mal vista, às vezes, uma rapariga de manga cava. A ver-se os sovacos e aquilo tudo. As pessoas não gostavam. Andava tudo estonado. É como a gente agora anda de mangas de cava ou só de manga de alça. No nosso tempo dizia-se:

- "Olha como aquela vem toda estonada".

Depois também havia as saias curtas. Saltos altos também se usava. Mini-saias não. Por baixo do joelho ainda um pedaço. Nesse tempo quando elas usavam as saias curtas, mais curtas, e iam para as eiras estender o milho, eles ainda se punham por baixo para ver as pernas às raparigas. Agora já não. Isso era noutros tempos. Aqui há 50 ou 60 anos é que se usava isso, agora não.

Lugar *Não há melhor do que Pardieiros*

"Pardieiros: havia de ser Aldeia de São Nicolau"

Pardieiros, em primeiro até chamavam de Valverde. Depois botaram Pardieiros. Não sei bem porquê, isso já é antigo. Quando eu nasci já se chamava assim. Sei que Pardieiros quer dizer um conjunto de casas velhas. Havia era de ser Aldeia de São Nicolau. Por causa do padroeiro. Mas isso era um trabalho muito grande para mudar as coisas todas.

Uma herança da tia para a aldeia

Desde que temos a Comissão de Melhoramentos temos muitas melhorias. Era o Alfredo Francisco Gomes, esse é que foi o mais antigo da Comissão. Onde é a Senhora da Saúde, aquela vivenda era dele. Depois ele morreu, depois comprou um casal que lá está agora. Mas o Alfredo Francisco Gomes, esse é que foi o principal da Comissão. Acho que foi ele o primeiro. Depois foi o Armindo Ferreira Gomes. Depois foi o Manuel, de Avô. Depois foi o Sérgio Francisco. Depois o Vítor Soares e agora já é outro. Manuel Soares também. Fizeram a Casa da Comissão. Onde está aquilo era uma casa de uma tia minha. E a minha tia dizia sempre que quando morresse a casa era para a Comissão, e foi mesmo. Ela não tinha filhos, tinha sobrinhos, a gente também era. E ela disse que era 1000 contos e foi assim que foi. A palavra de morto vale mais do que tudo. Depois arranjaram a casa. A minha tia tinha uma tabernazinha em baixo. Vendia mercearia mas era mais vinho. Quem vendia mais mercearia era ali um senhor, que chamam à Praça, naquele larguinho, que se chamava Aristides. Esse é que vendia mais mercearia. A minha tia era mais bebidas. Nesse tempo não havia estrada, vínhamos pelos atalhos. Agora já há estrada, já é diferente. Era só penedos. Agora não. Assim como daqui para a Mata, agora é tudo empedrado, já é diferente. Para Monte Frio está uma estrada bonita e noutros tempos não. Nesse tempo não havia aqui camioneta, só em Monte Frio, e a gente ia buscar as coisas

que as pessoas traziam de Lisboa. Roupas e mercearias. Nesse tempo vinham as mercearias quase todas de Lisboa. Vínhamos daquela aldeia, descíamos aquela rampa para baixo e depois subíamos. Agora as casas são mais bonitas. Nesse tempo eram muito de pedra. Já eram velhas, agora é tudo novo. Agora há muita gente nova. Muito casal novo. Está diferente. Noutros tempos também não havia água canalizada. Porque a gente ia só àquela fonte, agora não. Agora temos tudo em casa. A luz também. Antes era tudo às escuras. Usavam candeeiro a petróleo. Íamos à Benfeita, a uma taberna que vendia tudo.

"Só no dia da festa"

Em Pardieiros temos uma Irmandade, a Irmandade de São Nicolau e da Senhora da Saúde. Quando eu nasci já havia isso. Quase todas as pessoas da aldeia fazem parte. Por exemplo, a Irmandade forma mas não leva nada à pessoa porque ela é irmã. Temos um cabeção, as mulheres só têm um cabeção verde e os homens têm um cabeção e uma véstia branca. A gente não faz nada. Há só uma Assembleia Geral na Casa de Convívio. Aí é que fazem. Assim como fazem da Comissão também. Mas é só quando é no dia da festa. Ou quando haja um funeral é que incorpora. É que botam aquilo e que fazem a procissão, no dia da festa.

"É tudo bonito"

Pardieiros é a minha terra e é a coisa que eu mais gosto. Dou-me bem com toda a gente, nunca tive nada com ninguém. Nem zangada nem nada com ninguém. Vou para Lisboa gosto de toda a gente. Também nunca me zanguiei com ninguém. Da minha terra digo para virem visitar, que a minha terra é linda. Tem a Fraga da Pena e a Mata da Margaraça, a Serra do Açor, a Igreja, e a Capelinha da Senhora da Saúde, e a fonte antiga também. É tudo bonito. É o que às vezes falo. Eu gosto da minha terra. Gosto muito da minha terra. Pode haver terras boas mas como a minha terra para mim não há.

Lazer Croché, falar com as amigas e lavar roupa

Actualmente, faço a vida de casa. É como lá faço em Lisboa, não faço mais nada. Se tenho vagar faço um bocadinho de croché. É como me apetece. Quando não me apetece vou um bocadinho ao café ter com uma amiga, vamos falando umas com as outras. Às vezes, a gente vai à missa. É a vida. Também gosto de lavar roupa. Adoro lavar roupa. Assim como adorava esfregar a casa noutros

tempos. Já limpar o pó não gostava tanto. Agora de esfregar eu gostava sempre. Blusas, coisas que eu não gosto de meter na máquina, vou lavar. É a nossa vida. Pelo menos a minha é.

Sonhos *Uma casinha e uma piscina*

Gostava de ter uma casa lá em Lisboa. Vivo com a minha irmã mais velha e está toda a cair. Se tivesse dinheiro comprava uma casinha para viver melhor. Para a aldeia, só gostava que fizessem uma piscina. Não tenho filhos mas gostava de ver a piscina feita. Quando as pessoas querem ir aos banhos, às vezes vão à Fraga da Pena, que é uma cascata ou como é que chamam ou então vão para as piscinas que há aí uma no Sardal, outra aqui na Sorgaçosa e há outra na Benfeita. E as crianças vão para lá. Agora era isso. Agora é o que faz cá falta. Para mim não que já estou de idade, mas para as pessoas novas.

Avaliação *Ouvir histórias*

Acho que é importante ouvirmos as histórias das pessoas. Acho que vai ser bom para a aldeia. Acho que sim e Deus queira que sim. Pardieiros devia ser mais conhecido, lá fora, no estrangeiro.